

Anotações sobre os romances de Saramago

Maria de Lourdes Utsch Moreira

Tranqüilamente ateu, confessa Saramago inúmeras vezes. Que ele seja ateu, acredita-se, porém, tranqüilo não. Há uma pendência não resolvida entre ele e Deus. O Deus que ele “persegue” é o Deus que foi herdado do *Velho Testamento* e adotado pelos cristãos. Um Deus menos severo e mais oculto nas relações humanas. Os seguidores de Jesus espalharam-se pelo mundo ocidental. Muitos esqueceram pelos caminhos o essencial da doutrina de Cristo. Instalaram-se em Roma. Foram se organizando, sistematizando-se com a ajuda de alguns teólogos e filósofos. São Tomás de Aquino, por exemplo.

Durante vinte séculos a Igreja Católica acumulou erros, a infalibilidade papal, deu azo a que houvesse papas e Papas, criadores de dogmas, responsáveis pelos célebres desvios, como as Cruzadas e o Santo Ofício. Essa face vulnerável do catolicismo é que José Saramago atinge e, por extensão, o Deus dos católicos. Ridiculariza-os com ironia implacável, que é um de seus grandes trunfos.

O Evangelho Segundo Jesus Cristo é um livro polêmico. Bateu de frente com o Vaticano e com o catolicismo conservador dos portugueses. Provocou mudanças. O subsecretário de cultura do governo vetou a candidatura deste livro ao *Prêmio Literário Europeu*. Magoadíssimo, deixou Portugal, “Lisboa, o Tejo e tudo”, indo viver na Ilha de Lanzarote, nas Canárias, onde não corre um fio de água doce.

Em decorrência ou não destes acontecimentos, J.S. vem mudando a temática dos romances posteriores ao *Evangelho*. Os primeiros romances têm Portugal, sua história, seus homens, as paisagens, o espaço, enfim, enaltecendo ou mesmo criticando a gente lusitana.

Manual de Pintura e Caligrafia, pouco divulgado e conhecido, é quase uma autobiografia. Sua importância para os estudiosos da obra de J.S. é irrefutável. Assim o reconhece a mestra Maria Alzira Seixo: “Manual é o cadinho de elaboração de todas as tendências pré-ficcionais de José Saramago e daí sua grande importância e originalidade na consideração evolutiva da sua obra.”

Levantado do Chão é a saga de várias gerações da mesma família alentejana, Mau Tempo. Faz um painel social, político e cultural, com todos os pormenores, denunciando a

opressão, as torturas da ditadura salazarista, a omissão, a convivência da Igreja Católica. O padre Agamedes é um exemplar perfeito: “O vosso reino não é deste mundo, padecei para ganhades o Céu.”

A construção do Convento de Mafra é o tema do romance *Memorial do Convento*. Dom João V, rei de Portugal, século XVIII, fez a promessa de construir uma basílica se tivesse um filho herdeiro do trono. Mas quem pagou a promessa foram os trabalhadores pobres e miseráveis. J.S. vai buscá-los na história para os imortalizar. Dá-lhes destaque especial às lutas e tormentas que enfrentaram, organiza uma lista dos prováveis nomes deles, como uma lápide tardia.

O Ano da Morte de Ricardo Reis começa com a chegada a Lisboa do heterônimo de Fernando Pessoa. Ricardo Reis regressa do Brasil. Mais uma vez, Lisboa é o lugar em que se desenrola o romance. Os passeios de Ricardo Reis, quase sempre à chuva (J.S. gosta de expor seus personagens à chuva), pelas ruas, avenidas, parques, bairros, traçam um roteiro turístico. Ele sabe que Fernando Pessoa já morreu. Os encontros dos dois poetas ocorrem freqüentemente, como se ambos fossem vivos. A intertextualidade dos versos de ambos e as citações de Camões dão aos textos uma densidade poética muito grande.

A Jangada de Pedra – a Península Ibérica desprende-se dos Pirineus, como um barco vai pelo Atlântico afora. Os motivos dessa ruptura simbólica, imaginada por Saramago, são um protesto contra o isolamento, o sentimento de inferioridade frente aos outros países europeus, a discordância da entrada de Portugal na União Européia (antiga CEE). *A Jangada de Pedra* é um dos mais lindos romances que José Saramago escreveu.

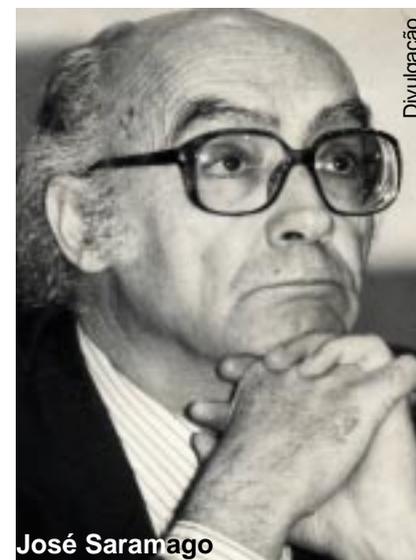
A História do Cerco de Lisboa passa-se (como é óbvio) em Lisboa, a dos séculos passados e a do presente. Assim nos encontramos no ano de 1147, quando aparece o rei Dom Afonso Henriques com seus cavaleiros, esperando o momento certo de atacar os mouros sitiados no Morro do Castelo. A estória acontece com personagens históricos e imaginários. O protagonista é o revisor Raimundo. Ele modifica uma frase de um livro de história, colocando um – Não – na frase que dizia que “os cruzados ajudaram os portugueses a expulsar os mouros.”

Este procedimento trouxe-lhe muita contrariedade. “O gesto contrário de escrever – Não – tem efeitos na vida do revisor, e não no texto do historiador traído (...). E a grande alteração obtida por J. S. está na maneira de ler e refletir sobre a História Acreditada.” (Leyla Perrone Moisés).

Talvez a mágoa seja o fator de mudança temática e de tornar indefinidos os espaços das suas fabulações. Nestes romances anteriores, Portugal era o lugar preferido. Isto pode indicar a universalidade que vem dando às suas obras recentes. Os romances publicados depois do *Evangelho Segundo Jesus Cristo* são referências a temas universais: *Todos os Nomes*, *Ensaio Sobre a Cegueira*, *Ensaio Sobre a Lucidez*, *O Homem Duplicado*, *A Caverna*, *As Intermittências da Morte* – todos tratam de assuntos relacionados com a existência, a busca de identidade, a morte, a cegueira humana, Deus, o individualismo, a globalização, mudanças sociais, enfim, problemas de teor universal.

A Viagem do Elefante lançado em 2008, na Casa das Américas, em Madrid, traz de volta o Saramago de *O Memorial do Convento* ou da *História do Cerco de Lisboa*. Mais despojado, sem truques imaginários. Nada barroco. Menos retórico. Mantém os mesmos recursos formais, preservando o humor e a ironia acutilante e as farpas contra a igreja Católica, seus padres, seus santos, seus dogmas.

A estória passa-se no reinado de D. João III, em 1551. O rei, em colóquio íntimo com a rainha Catarina d’Áustria, decide seguir a sugestão da mulher: oferecer o elefante, como presente de casamento ao arquiduque Maximiliano II, da Áustria. O paquiderme morava em Lisboa há dois anos. Veio de Goa, vivia sob os cuidados de um cornaca indiano de nome Subhro. O elefante, de nome Salomão, pertencia ao rei. Após o deslumbramento do povo por aquele animal exótico, Salomão caiu no esquecimento e na solidão. Até que a rainha se lembrou dele. O arquiduque aceitou o presente e aguardava-o na Espanha. Em Lisboa começa a viagem cujo roteiro inclui Espanha, França, Itália, Áustria (Viena). Vão em cortejo com todas as provisões indispensáveis. Em Valadolid o arquiduque associou-se ao grupo. Salomão suportou as intempéries climáticas e outras. Representou bem o seu papel com galhardia que tornou-se em leveza o peso de quatro toneladas. Houve até quem o chamasse de meigo e fofinho. Saramago dá-lhe um banho de linguagem poética.



José Saramago

Divulgação

A magia, o maravilhoso dos textos, o emprego recorrente de determinados nomes, tornaram-se emblemáticos: a pedra, as mãos, a terra, a chuva, a oliveira, o rio, o cão, a viagem, os olhos, a sombra, o céu.

Contamos, aproximadamente, mais de setecentas vezes o emprego da palavra céu. Há duas referências: ao céu comum que nos cobre e ao céu como morada de Deus. O autor fala de todos os dois, mas o céu dos católicos é tratado com toda a ironia. “O céu estava nublado por igual, como um gorro de lã suja, ao senhor não devia ser fácil perceber do alto o que andam fazendo as suas ovelhas.”

Onde termina a nossa visão do céu começa o infinito. Sem levar o assunto para a Filosofia, sentimos que o céu no texto de José Saramago permite que se tirem várias conotações: espiritualidade, esteticismo, transcendência, misticismo. Quem sabe, nesses domínios da emoção o escritor encontre o Sagrado?

Embora diga que não há algo inquietante em seu espírito, J.S. põe em causa a relação do homem com Deus.

A malquerença não é com o problema da existência de Deus. A animosidade de J.S. é com o Deus que o catecismo católico nos ensinou, enchendo-nos de culpa e de medo, cuja face desumana reflete-se no catolicismo em determinadas pessoas, épocas e lugares. Essa agressividade manifesta-se como um dos componentes do seu humanismo. “Para ser ateu como eu sou deve ser preciso um alto grau de religiosidade.” Religiosidade que inclui o ser humano. Apesar de seu pessimismo pela humanidade contemporânea, não descarta o homem do centro de suas atenções. “Sem o homem a vida pára.”

Maria de Lourdes Utsch Moreira é escritora, poeta e crítica literária.

Editorial



A internet nos últimos meses anda com problemas de conexão. Horas e horas ou dias sem dar sinal de vida.

Quando a conexão está funcionando bem, vem outro problema: páginas que não abrem, acompanhadas da mensagem do Google que o link está corrompido ou da Telefônica informando que a página não existe.

De quem é a culpa? Dos sites de buscas? Das operadoras de telefonia? Ou dos provedores de hospedagem?

Quando o problema será resolvido? São perguntas sem respostas, pois o problema parece nunca ter solução.

Empresas, entidades, órgãos do governo, etc ficam fora do ar em consequência do não funcionamento da internet. Pasmem: Delegacias que não podem fazer boletins de ocorrência porque estão sem conexão e a rede não funciona.

Pagamos para ter um serviço mensal ininterrupto e não temos.

Quando vamos reclamar, vem aquela musiquinha chata e a secretária biônica dizendo: tecle um para, tecle dois para falar com, tecle três para... Depois apertamos a tecla para reclamações e, para nossa surpresa, a linha cai. Mais outra tentativa e tudo em vão. Mais outra e conseguimos falar com o atendente, que informa o serviço está instável temporariamente. Levará duas ou três horas para voltar ao normal.

E quando voltará ao normal? Ficará normal?

Quem poderá responderá?

Quem irá nos indenizar pelos prejuízos materiais e morais?

Tudo é um enigma. "Decifra-me ou te devoro." Enquanto perguntas ficam sem respostas, vamos torcendo – como todo bom brasileiro – para que a conexão não caia e seja um Minotauro em nossas vidas.

PRELÚDIO EM MI BEMOL MENOR

Paulo Bomfim

Tia Yacyra e sua família, os Fleury de Amorim, de Manaus, fascinaram minha meninice com histórias dos seringais e lendas do grande rio.

O pai de tia Yacyra, o latinista Geraldo Amorim, foi rei da borracha na virada do século XIX.

Quando na década de 10, a grande crise se abate sobre o Amazonas, ele, sua esposa Eugeninha e os filhos Yacyra, Pitiguar, Taiguara e Tibiriçá, fecham o palacete em Manaus e se dirigem para a Europa onde passarão dez anos sem voltar ao Brasil.

Junto, seguiam um cozinheiro, um jardineiro, duas índias ainda crianças, e a melhor amiga, Maria Carolina da Câmara, aparentada com Eugênia da Câmara, o grande amor de Castro Alves.

Em sua longa permanência, os Fleury de Amorim ocupam sucessivamente, uma vila em São Remo, na Riviera Italiana, uma casa em Lausanne, onde Eugeninha teve o filho Ajuricaba; uma propriedade em Baden-Baden, quando a índia Emerentina aprende a falar alemão e passa a ser a intérprete da família.

A peregrinação prossegue até Paris para Yacyra continuar seus estudos de piano.

Contam que durante a gravidez européia, Eugeninha Amorim viu-se obrigada a consultar um ginecologista, novidade da medicina de então.

Relutou o que pôde, mas quando percebeu a iminência da consulta, não teve dúvida. Mandou fazer meia máscara fixa a um cabo de madeira, em veludo negro bordado de lantejoulas da mesma cor, e se submete ao exame mascarada, dizendo ao médico perplexo:

– O senhor vai me conhecer por baixo mas jamais me conhecerá por cima!

Na volta da Europa, já no Rio de Janeiro, tia Yacyra foi estudar com Henrique Oswald, compositor, pianista e professor que a indica para o concurso do Instituto de Música dirigido na época por Alberto Nepomuceno, onde recebe medalha de ouro por sua participação.

Sigrid, filha de Nepomuceno, seria sua grande amiga. Foi casada com o artista Eduardo Alvim Correia, pintor e assistente do cineasta René Clair, em Paris, onde o irmão Roberto Alvim Correia lança as Edições Correia. Henrique Alvim Correia, o pai deles, ilustrador da *Guerra dos Mundos*, de H. G. Wells, é considerado o precursor do surrealismo brasileiro.

Astrid, a outra filha de Nepomuceno, morava em Buenos Aires. Tinha uma filha encantadora que um dia, no Rio de Janeiro, em casa de D. Eugeninha onde estávamos hospedados, em 1934, abre o chambre e me diz, com a pura malícia de seus dez anos: – *Mira mi cuerpo!*

Foi essa a primeira visão que tive daquilo que ainda, aos 82 anos, me fascina!

O encontro entre tia Yacyra e tio Carlos aconteceu em São Paulo onde ela e o violoncelista Luís Figueras davam concertos. Foi uma paixão que mesmo a morte de tio Carlos não conseguiu arrefecer.

A espiritualidade dessa tia, tão bela e tão artista, paira sobre minha meninice embalada por suas interpretações magistrais de Chopin, Scriabin, Bach e César Franck. Ah, quantas vezes suas mãos me abriram a "Porta de Kiev" de Mussorgsky!

Uma tarde, tia Yacyra diz a seu filho Fernando que gostaria de dar um concerto, somente para ele.

Veste seu melhor vestido e principia a tocar, como nunca, os noturnos e as valsas.

Depois, em estado de êxtase, mergulha no *Prelúdio em Mi Bemol Menor* de Bach, aquele mesmo prelúdio que levava seu marido poeta a escrever um dia:

– *No silêncio da noite, o convite ao silêncio,*

ao grande, ao profundo, ao impenetrável silêncio...

– *João Sebastião Bach, a morte deve ter a doçura angélica do teu prelúdio...*

agora e na hora de minha morte... Amém."

Quando Fernando vai voltando com o licor que fora buscar para ela, ouve o barulho da cabeça tombando sobre o teclado.

Carlos viera buscar Yacyra.

Paulo Bomfim é escritor, poeta e membro da Academia Paulista de Letras.

Cupom de Assinatura

Assinatura Anual: R\$ 48,00

Assinatura Semestral: R\$ 24,00



Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

Estado: _____ Tel.: _____

E-mail: _____

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902
São Paulo - SP - 03062-000 - Telefax: (11) 2693-0392
E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - Site: www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)

Rua Herval, 902 – São Paulo – SP – 03062-000

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Publicidade: Rosani Abou Adal – Telefax: (11) 2693-0392

CGC: 61.831.012/0001-52 – CCM: 96954744 – I.E.: 113.273.517.110

Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana*, distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana*
R Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Ilustrações, caricatura e logo do jornal de Xavier - www.xavi.com.br
Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade dos clientes.

Páginas Pessoais

para Escritores

no site da Linguagem Viva

(11) 2693-0392 - 7358-6255

rosani@linguagemviva.com.br

Rosani será homenageada no Sarau Sopa de Letrinhas



Marcos Carreira, Jeferson Araújo, Rosani e Ari Marcos

Rosani Abou Adal

É membro da Academia de Letras de Campos do Jordão, da União Brasileira de Escritores e do Clube Caiubi de Compositores. Tem poemas traduzidos para o francês por Jean Paul Mestas e para o italiano por Renzo Mazzone. Foi agraciada com o Prêmio Ribeiro Couto - UBE/RJ, com o livro *De Corpo e Verde* e com o *Mulheres do Mercado*, da Prefeitura do Município de São Paulo, entre outros. É autora dos livros de poemas *Mensagens do Momento*, *De Corpo e Verde* e *Catedral do Silêncio*.

Participou das antologias *Paixão por São Paulo*, Editora

Terceiro Nome; *Poesia*, Clube de Poesia de São Paulo, *Canto do Poeta*, Vip Work Editora; *Reflexos da Poesia Contemporânea do Brasil*, França, Itália e Portugal e *Um Mundo no Coração*, coordenadas por Jean Paul Mestas, Editora Universitária de Lisboa, Portugal, edição bilingüe francês e português; *Bresil 500 Ans e Cahier Particulier - Jallons*, França.

Ary Marcos

É flautista, poeta, editor do site Samba de Alambique, produtor da Rádio Samba de Alambique e coordenador de rodas de samba e de choro no Escritório Bar. Parceiro musical de Lula Barbosa com músicas gravadas por Célia.

Jeferson Araújo

É violonista e contra-baixista com mais de 20 anos de experiência. Apresentou-se em várias casas de espetáculos. Foi bolsista do Festival de Inverno de Campos de Jordão – 1992/93.

Marcos Carreira

É ator, professor, iluminador e diretor teatral. Foi agraciado com os prêmios de Melhor direção pelo espetáculo *O Elixir da Vida* e Melhor Iluminação pelo espetáculo *Quase Uma*. Indicado para o Prêmio Mambembe Categoria Especial, pela Iluminação do espetáculo *O Vaqueiro e o Bicho Froxo*.

Valdir Dafonseca

É músico, compositor, professor de inglês e formado em Letras. Tem músicas gravadas pelos artistas Leny Andrade, Caçulinha, Déo Lopes, Neuber e Iranfe, Di Melo, Grupo Raízes, Rosa Maria, Branca di Neve, Beth Carvalho, Vânia Bastos e Délcio Carvalho, entre outros.

É autor de *Outro amor* e *Lindo lindo lindo*, entre outros sucessos. Fez inúmeros shows e apresentações no Brasil e no Exterior.



Valdir Dafonseca

LUZ E VIDA (CIFR.) {valsa 6/8}

Valdir Dafonseca / Rosani Abou Adal

para Caio Porfírio Carneiro

A Ab7
Os olhos vão perdendo o brilho
G7 F#7
Quando os anos pesam sobre os ombros.
Bm E7 Em F#7
Os teus acentuam a luminosidade
B7 Bm E7
Com o envelhecimento do tempo;
Em A7 D
Fazem brilhar o sol de Iracema,
C#7 Em A7
As estrelas do céu do futuro,
D C°
Vivificam toda a flora
A Ab7 G7 F#7
E os meninos marinhos
B7 E7 A C#7
Das águas salinas de Fortaleza.
Fm# Ab7
Reluzem de esperanças
Cm# G7 F#7
Os homens do agreste,
Bm E7
Germinam frutos
Em A7
Nas terras do Pau Caído,
D C°
Incentivam os poetas
A Ab7 G7 F#7
A plantarem mais flores
Bm E7 Em A7
Nos blocos de concreto.
D Dm A Ab7 G7 F#7
És a poesia dos escritores,
Bm C#7 Em F#7
A prosa da vida na cidade,
Bm C° Cm#
O romance das crianças do sertão
G7 F#7 Bm
E as palavras machadianas
E7 A
A iluminar a criação dos homens.

Rosani Abou Adal, escritora, jornalista, publicitária, editora do jornal *Linguagem Viva*, 2ª vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo, será homenageada no sarau *Sopa de Letrinhas* no dia 29 de maio, sexta-feira, a partir das 21:30 horas, no Villaggio Café, Rua Teodoro Sampaio, 1229, em Pinheiros, São Paulo.

O público presente fará a leitura dos poemas da homenageada, que ficarão expostos no mural. Valdir Dafonseca, compositor e músico, acompanhado de Jefferson Araújo, apresentará *Luz e Vida* (Rosani e Valdir). Também acontecerá uma performance poética com a participação de Rosani, Marcos Carreira (direção) e dos músicos Ari Marcos (flauta) e Jefferson Araújo (violão).



O Sopa de Letrinhas

O Sarau *Sopa de Letrinhas*, que acontece sempre na última sexta-feira do mês, é coordenado pelo compositor, músico, poeta e agitador cultural Vlado Lima. O Sopa de Letrinhas nasceu associado ao clube de compositores da Rua Caiubi, 420, no Bexiga, há seis anos.

O sarau do Caiubi, uma festa chaciniana, que abriga música, poesia e bom humor. Reúne músicos, intérpretes, compositores, poetas e performances dos mais variados estilos. O público presente participa lendo poemas do poeta homenageado e concorre a vários prêmios. No final do evento é servida uma deliciosa sopa (de letrinhas).

ANOTAÇÕES (IV)

Fábio Lucas

9. Imposto de Renda

Todo ano, impreterivelmente, nos meses de março e abril, a imprensa, rádio e TV despertam a nação brasileira para que faça sua “declaração do imposto de renda”. Todas as sábias vozes do jornalismo repetem a mesma recomendação exaustivamente. Só que ninguém declara imposto. Declara-se a renda (o rendimento) e sobre esta recaí o imposto. Para o cidadão, em face dos abusos com que são usados os tributos que oneram o público, o ato de declarar os seus rendimentos assemelha-se ao condenado à forca que escolhe a qualidade da corda. Uma espécie de autoflagelação. Todavia, ninguém mesmo, chega a declarar imposto de renda.

10. Os Clássicos

A Literatura, conjunto de obras baseadas nas Belas Letras, começa a desfazer-se das ruínas da Modernidade. Recolhem-se aos museus as vanguardas e seu aparatoso instrumental de choques, apelos e demasias. O estilo exclamativo das letras espalhadas na página, das cores variadas, da fragmentação das palavras deslocou-se da qualidade e virou moda de iniciantes mais ou menos deslumbrados.

Voltaram os estudos dos Clássicos. O Latim e o Grego de nossos avós retornaram à vitrine. As traduções de Odorico Mendes, tão questionadas, merecem reedições.

A Ateliê Editorial nos propiciou **A Ilíada** de Homero em monumental apresentação bilíngue, traduzida por Odorico Mendes, com introdução e notas de Sálvio Nienkötter (S. Paulo: Ateliê/ UNICAMP, 2008).

Quem só tinha acesso à **Ilíada** por meio da tradução do P^e. M. Alves Correia (Lisboa: Liv. Sá da Costa, 1944), igualmente com ensaio introdutório e notas, poderá de novo regalar-se com a versão brasileira de Odorico Mendes, minuciosamente anotada.

Há mais prodígios na seara dos Clássicos. Um dos que mais me impressionaram foi a tradução de **Orlando Furioso** (Cantos e Episódios) de Ariosto, por Pedro Garcez Ghiraldi, edição bilíngue, com ilustrações de Gustave Doré, introdução e notas do tradutor (S. Paulo: Ateliê, 2004, 3^a. ed.).

Com efeito, Ludovico Ariosto tem merecido penoso percurso na Língua Portuguesa. Muitos historiadores e ensaístas o omitem, desprezam seu texto e deixam de investigar sua in-

fluência sobre poetas maneiristas e barrocos de Portugal e do Brasil.

Pedro Garcez Ghiraldi, premiado tradutor, teve a cautela de selecionar episódios de Ariosto. No dizer de Wolfgang Kayser, na obra **Fundamentos da Interpretação e da Análise Literária**, “Os fragmentos parciais são na épica incomparavelmente mais independentes do que no gênero lírico e dramático.” (ob. cit., S. Paulo: Liv. Acadêmica/Saraiva S.A., 1948, vol. II, pág. 213).

A seguir, Wolfgang Kayser se socorre da famosa carta de Schiller a Goethe, na qual se discutem os gêneros e o missivista se faz incisivo: “A independência das suas partes constitui um caráter principal da poesia épica”. (apud W. Kayser, ob. cit., p. 213).

Orlando Furioso, explica Pedro Garcez Ghiraldi, tem lugar estratégico na História da Literatura ocidental, pois, sendo um grande poema renascentista, retoma os cantares e os temas medievais, ao mesmo tempo em que, externando críticas à racionalidade, abre-se ao espírito do Romantismo.

Outra combinação venturosa de Ariosto foi inserir no texto de elevados propósitos e de recursos de fascinante retórica, os cabedais da linguagem popular. Humor e erotismo integram o texto narrativo. O conceito do real tem ampliado os seus horizontes, desde que abarca novos limites, os do conhecimento mágico, assim como o da ambiguidade. Aliás, Pedro Garcez Ghiraldi observa o engenho do poeta renascentista em construir versos irregulares, imitando na poesia o contraste entre a razão e a loucura. O lúdico se insinua na composição dos versos, de tal modo que o poeta extrai efeitos literários com as diversas acepções do mesmo vocábulo. Tudo isso, adverte o tradutor e analista, “sem recorrer a inversões violentas ou a léxico rebuscado” (**Orlando Furioso**, ob. cit., p. 26).

A imaginação de Ariosto é posta em destaque por Machado de Assis, no capítulo XXIX de **Dom Casmurro**, segundo aponta Pedro Garcez Ghiraldi, que realiza extenuante pesquisa da presença do poeta renascentista nas Letras brasileiras. Dos nossos críticos e ensaístas distingue Araripe Jr. e Sérgio Buarque de Holanda.

Aliás, Ariosto tem sido objeto de conhecida anedota. É que discutiam durante anos dois raivosos leitores, em acalorada disputa. Para um deles, o maior escritor do mundo seria Ludovico Ariosto e a maior obra do espírito humano **Orlando Furioso**;

para o seu contendor, Tasso é que era o maior gênio da humanidade, sendo **Jerusalém Libertada** a mais alta expressão do gênero humano.

Tanto fizeram que acabaram num duelo. E o primeiro, ao ser ferido mortalmente, foi acudido por seu padrinho que, a título de consolo, lhe disse: de qualquer modo, Vossa Mercê morre por um princípio. Ao que respondeu o moribundo: nem tanto assim, pois não li nem um nem outro. Ouvimos essa versão do governador Milton Campos, um dos raros homens públicos dotado de ironia e formação literária. Outro governador letrado terá sido Franco Montoro. A mesma anedota, em compêndio de Literatura, apareceu-me como fruto de uma disputa de leitores de Dante e Ariosto.

Como quer que seja, Ariosto, com a sua “ironia contemplativa”, no dizer de Salvatore Bataglia (cf. **Mitografia de Personaggio**, Milano: Rizzoli Editori, 1970, terza edizione, p. 66), adotou a solenidade heróica do “romanzo” e, tendo liberado a imaginação e o imprevisível na composição orgânica do universo, gerou as possibilidades da narrativa moderna. Conclui Salvatore Bataglia, ao referir-se a **Orlando Furioso**: “Era nato, in tal modo, un nuovo genere letterario, la categoria romanzo cavalleresco, che gli antichi e la poetica di Aristotele non avevano avuto modo di conoscere.” (ob. cit., p. 242).

Parece-nos que poucos autores levaram seu conhecimento da obra de Ariosto em Português quanto o Professor Pedro Garcez Ghiraldi, para quem “tentar traduzir o **Orlando Furioso** desprezando a métrica original é, pois, falhar, à saída, na tarefa.” Condena, no trecho adiante, as falsas traduções que não observam “o primor artístico do original e o equilíbrio estético da obra.” (ob. cit., p. 45). Vale a recomendação. Talvez seja útil aos ases das tresloucadas transliterações que temos visto nos jornais, revistas e livros, a embriagar ingênuos iletrados. Os que fazem listas dos melhores poemas do mundo.

11. Na linha dos Clássicos e Modernos

Antes de concluir, breve nota sobre o ficcionista Luís André

Nepomuceno, condutor de uma obra de especial interesse literário. Deu-nos dois romances de cunho reflexivo: **A lanterna mágica de Jeremias** (Rio: 7 Letras, 2005) e **Os anões** (Rio: 7 Letras, 2009).

Também se destacou no ensaio e tem jogado novas luzes na obra de Petrarca e sua penetração nos meios cultos do Brasil. Conhecêramos o seu primeiro e surpreendente estudo no início do milênio: **A musa desnuda e o poeta tímido: o petrarquismo na Arcádia Brasileira** (S. Paulo: Annablume, 2002).

Luís André Nepomuceno oferece, agora, aos leitores outra aventura no reino da crítica histórica e filosófica dos grandes gênios: **Petrarca e o Humanismo** (Bauru, SP: Edusc, 2008). São dez trabalhos reunidos, dos quais destacamos o estudo sobre as identidades construídas nas biografias de Petrarca, no qual o autor parte da formulação de Boccaccio para a elaboração do mito do poeta humanista, que, a seu turno, não trepidou em traçar a sua auto-biografia.

E enfatizamos, também, a análise da recepção de Petrarca no Brasil (capítulo 10), cujo primeiro lume esteve no poema latino do padre José de Anchieta, ao tempo da Província de Santa Cruz (1563). A seguir, traços de Petrarca cintilam na expressão barroca de Gregório de Matos (a propósito, até hoje a mais acurada e definitiva pesquisa sobre o acervo de Gregório de Matos se deve ao esforço do trabalho de Francisco Topa, da Universidade do Porto). Mas, o petrarquismo houvera pousado nas obras de Cláudio Manuel da Costa, de Basílio da Gama, Silva Alvarenga, Tomás Antônio Gonzaga, enfim, dos poetas neoclássicos mineiros.

A pesquisa de Luís André Nepomuceno vem até os modernistas brasileiros, sem omitir ligações indiretas do petrarquismo amoroso nas letras da música popular, desde Caldas Barbosa até Vinicius de Moraes, Pixinguinha e Adoniran Barbosa.

Fábio Lucas é escritor, crítico literário e membro da Academia Paulista de Letras.

Profa. Sonia Adal da Costa

Digitação

Revisão

Aulas Particulares

Tel.: (11) 2796-5716 - portsonia@ig.com.br

UMA CELEBRAÇÃO DA VIDA

Anderson Braga Horta

Este livro, além de ser um retrato vivo de Emanuel Medeiros Vieira, é uma porção de coisas, das quais uma que outra sou talvez capaz de antecipar ainda que vagamente, ao leitor.

Antes de mais nada – não nos iludam a críspação do texto e a complexidade das idéias que nele se jogam –, é uma história de amor, sim. Dito isso, podemos acrescentar que o romance – trata-se de um romance? – é, em boa medida, a discussão da própria estrutura e a história da própria elaboração. O romance fazendo-se. Curiosamente, sobre ele pontifica Júlia, seu núcleo feminino, dirigindo-se ao personagem-narrador:

– Nas tuas histórias, a rigor, não acontece nada, é mergulho mental, viagem interior.

Não é só isso, mas é com certeza isso. É toda uma meditação sobre o cotidiano, o não-senso, a injustiça, a miséria, o absurdo de um mundo – o nosso mundo. O que, sem mais dizer, já nos põe em sintonia com tantos dos outros livros do autor – *Meus Mortos Caminham Comigo nos Domingos de Verão*, *Metônia*, *O Homem Que não amava Simpósios...*

Digamos mais. Que é a história de uma consciência. O repassar de uma vida, numa espécie de Juízo. O fluxo de uma consciência que se retrata. Autocrítica. Catarse. Pois é também tudo isso, e comporta mais. Por exemplo (meio de raspão, embora), a orfandade do escritor brasileiro em face de uma imprensa e de um parque editorial alienados.

O estilo se ajusta ao espírito da narrativa (não entremos na discussão se se trata de uma): linguagem coloquial, “natural”, espontânea, apesar das abundantes citações e alusões

culturais... e com os requintes das modernas técnicas de narrar, é claro.

Esse estilo é Emanuel Medeiros Vieira, disparando sua máquina verbal, as palavras atropelando-se – como se para não perder a oportunidade da vida. O mais intenso desse estilo é uma página erichada de profundo erotismo, que deixo ao leitor encontrar (ou eleger).

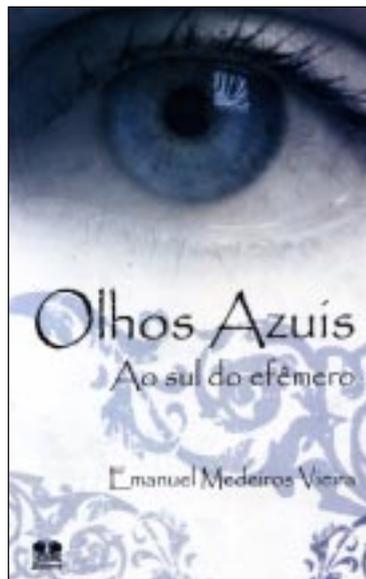
Outra maneira de ver o livro é como uma crua meditação sobre a vida, seu sentido, seu não-sentido.

(Será que já não deixei dito? Se já, fique a reiteração que, afinal, cai a propósito: também as perplexidades e obsessões do personagem-narrador traduzem-se em repetições – de palavras, de idéias, de citações, etc.)

Uma religiosidade latente permeia estas folhas. Às vezes patente, mas antes uma saudade da fé que fé atual. Estarei avançando demais? Se estou, culpe-se o narrador, que se questiona como questiona o próprio gênero literário em que navega.

Seja o que for o livro, “página memorialística, poesia tosca e áspera, contos encaixados” – atira o próprio narrador e, ato contínuo, recolhe as balas –, “é gesto humano de trabalho, aventura do espírito”. Sim, um livro que sua e sangra humanidade. Talvez uma oração – longa e sofrida – pela libertação do homem. Em todo caso, creio (veja-se a página final), uma celebração da vida. Com suas contradições, com seus altos e baixos, com suas glórias e mazelas. E com sua perseverante vontade de ascensão.

Anderson Braga Horta é escritor, crítico literário e membro da Academia Brasileira de Letras.



A EPOPÉIA

Maria Lúcia Silveira Rangel

A Epopéia, um dos maiores gêneros da Literatura, nasceu oralmente, cantada pelos aedos. As mais importantes, *A Ilíada* e *A Odisseia*, de Homero, um rapsodo cego, datam do século VIII A.C. Seu texto escrito se deu por volta do século VI A.C., por ordem de Pisístrato, tirano de Atenas. (Heródoto, livro I).

A Epopéia é a narração de um drama coletivo, um evento mítico praticado por heróis (descendentes de deuses e mortais), em um espaço determinado, uma guerra ou uma viagem, ligada a um projeto nacional e por isso representando a pátria. Uma característica importante é a presença do Maravilhoso, seja cristão ou pagão.

As partes de uma Epopéia são: PROPOSIÇÃO - abertura do poema no qual o autor explica o que vai cantar.

INVOCACÃO - o poeta invoca as divindades para obter inspiração. NARRACÃO - o assunto da obra e a parte mais longa.

EPILOGO - fecho da obra.

Em resumo, podemos dizer que a formação da Epopéia é devida aos seguintes fatores:

1. Cantos e hinos em honra aos deuses.

2. Guerras entre se tribos onde sobressaem certos varões que a imaginação popular começa a celebrar como heróis através de hinos que se transmitem de gera-

ção a geração de modo oral; esse herói acumula todas as virtudes de uma raça.

3. Aparecimento dos primeiros poetas rapsodos que se apoderaram dos fragmentos das tradições épicas e reduziram essa narrativa a cantos líricos.

4. Aparecimento da Epopéia artificial por Vergílio.

Resumo cronológico das Epopéias:

Na Índia temos A Mahabárata, de data ignorada, e A Ramaiana, que data dos séculos IV ou V A.C.

Na Grécia temos:

Primeiro período: VIII AC ou X A.C., *A Ilíada* e *A Odisseia*.

Segundo período – VII a VIII A.C., Hesíodo com a Teogonia e Os Trabalhos e os Dias.

Terceiro período - III A.C. - Apolônio de Rodes, autor de *Os Argonautas*, (Escola Alexandrina).

Epopéia Latina - A Eneida - Vergílio - 1 A.C.

Diversas Epopéias:

O Rei Artur e a Tavola Redonda - VI DC.

A Canção de Rolando - 1000.

Os Lusíadas - Camões - 1572

Jerusalém Libertada - Torquato Tasso - XVI

O Uruguai - Basílio da Gama - 1769.

Caramuru - Frei Santa Rita Durão - 1781.

Maria Lúcia Silveira Rangel é escritora e crítica literária.

Vestibular & Concursos

Sonia Adal da Costa



1) Está a par ou está ao par?

Na Linguagem culta, a idéia de “estar ciente de alguma coisa” é trazida por “estar a par” e não por “estar ao par”.

Em vez de dizer

Estamos ao par dos problemas
O rei ficou a par dos fatos

Deve-se dizer:

Estamos a par
O rei ficou a par dos fatos

2) Complete com haja ou aja:

a) _____ com atenção para que não _____ muitos erros.

b) Talvez _____ greve amanhã.

c) _____ com docilidade, meu filho!

d) É preciso que _____ com cuidado.

R : a) aja – haja

b) haja

c) aja

d) aja

3) A gente ou agente vai à praia?

R : A gente = nós, o povo

Agente = indivíduo encarregado; aquele que age.

Sonia Adal da Costa, professora de cursos preparatórios para concursos públicos e vestibular, formada pela Universidade de São Paulo, é pós-graduada em *Teatro Infanto-Juvenil* pela Universidade de São Paulo. portsonia@ig.com.br

LIVRARIA BRANDÃO

Comram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbook@terra.com.br - www.lbusedbookshop.com.br

APELO

Caio Porfírio Carneiro

Venha,
apenas mais uma vez.
E eu fui. E o convite se repe-
tia:

Venha,
apenas mais uma vez.
E eu ia, tornava a ir.
E ela persistia:
Venha,
apenas mais uma vez.
E lá ia eu, seguidamente, que
o seu chamamento era irresistível.
E eu a atendia, cansado, ex-
tenuado, vendo ao longe o final da
estrada.

Venha,
apenas mais uma vez.
O apelo era maior do que as
minhas forças.

Venha,
apenas mais uma vez.
Exausto, dobrei-me vencido,
final da estrada. À frente a vasti-
dão sem fim.

Venha,
apenas mais uma vez.
Olhei-a silente, sem forças,
suplicante.

Venha,
apenas mais uma vez.
O seu chamamento continu-
ava monocórdico.

E eu fiquei. Sem ânimo, fiquei.
Pela primeira vez fiquei.
Uma única vez. Uma, uma só.
Suficiente para que ela se fos-
se na vastidão.
Sem retorno.

Caio Porfírio Carneiro é escritor,
historiador, crítico literário e
secretário administrativo da
União Brasileira de Escritores.

PALAVRAS

Valdivino Pereira Ferreira

Meus olhos
Tropeçam nos seus,
E minhas mãos
Procuram suas mãos.

Sua garganta emite luar
Pelo céu da sua boca
Suada.

Palavras feridas sangram
Derramando-se do seu olhar...
Pingando, pingando
Do seu coração
Em chagas abertas.

E meu coração as recebe
Triturado de amor,
Sedento de paz.

Preciso delas:
Porque a caverna do meu peito
Encontra-se deserta,
Na sombra de tudo.

*(após a leitura de um poema de
Yeda Prates Bernis)*

**Valdivino Pereira Ferreira é
escritor e historiador.**

Perda

Djanira Pio

Reneguei
meus antepassados
ou irmãos de sangue
na procura
de uma identidade
individualizada.
Solta de amarras
flutuei no espaço.
Sem referências
perdi minha imagem
no espelho.

Djanira Pio é escritora, poeta,
contista, professora e romancista.

ARREDORES DE BUENOS AIRES

Ronaldo Cagiano

Para Edurado Dalter y sus miradas poéticas

Na praça invadida pelas brumas de junho
os pássaros buscam na ínfima luz do sol
notícias de um mundo distante.
Enquanto homens solitários
e jovens conduzindo cachorros
emolduram as ruas com seu balé de passos
guardo o poeta
que trará o canto agudo
e na lâmina do verso
explicará a vida.
Cheguei em Rafael Calzada
num trem que penetrava os subúrbios
como um cometa povoado de rostos.
Lá atrás
a estación Constitución
haveria de ensinar outras
lições de partida,
mas quando desci em Adrogué
o amigo me esperava como a uma notícia
sua casa me abrigava como um ventre
e meus braços saudaram a cidade
e no jardim de Nidia
(ventre semeado de futuros)
a semente anunciava uma rosa
mais bela que os girassóis de Van Gogh.

Ronaldo Cagiano é escritor, poeta e crítico literário.

BENEDICITE

Débora Novaes de Castro

Bendito seja o mestre, o magnífico jade,
que reparte o tesouro: os saberes, floradas...
benditos: a floresta, o peixe, a caridade,
as cachoeiras, o ninho, o azul, e as passaradas.

Benditos sejam: em brilho, o sol, em majestade,
a pôr-se atrás do monte, e em régias alvoradas...
as aves, a semente, o fio da água que invade
o verdejante vale, e o recorta em aguadas.

E benditos: a pedra, o monte que insepulto,
o abismo, a rosa, o dia, a soluçante estrela,
a concha do oceano, o fragor da batalha...

Benditos: céus, a terra, os seres, nobre culto,
trabalho, o vento, a lua (um gosto só de vê-la),
e Deus, que loura o trigo e as almas agasalha!

Débora Novaes de Castro é escritora, poeta, artista plástica e Mestre em
Comunicação e Semiótica - Intersemiose na Literatura e nas Artes. Tese:
O HAICAI NO BRASIL: Comunicação & Cultura, Puc-SP, 2004. Sob sua
coordenação e produção, o site VALE DOS HAICAIS, www.haicai.com.br.

LINGUAGEM VIVA

www.linguagemviva.com.br

Consulte nossa tabela de preços

Linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tel.: (11) 2693-0392 - 7358-6255

Lançamentos & Livros

A Mulher, o Homem e o Cão, romance de Nicodemos Sena, LetraSelvagem, Taubaté, SP, 152 páginas. O autor é escritor, jornalista, advogado e editor. Nicodemos Sena surpreendeu o público com o seu livro de estréia *A espera do nunca mais – uma saga amazônica*, uma obra de fôlego, que recebeu merecidos elogios da crítica literária. O terceiro romance vem confirmar o que os mais renomados críticos brasileiros falaram da sua obra. Vem consagrá-lo, definitivamente, como um dos melhores romancistas da nossa literatura. É só o leitor ler e comprovar.



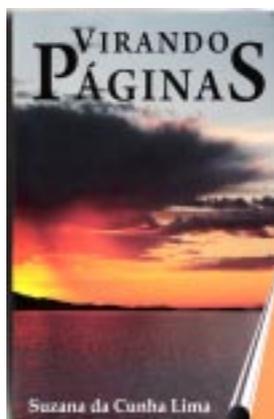
LetraSelvagem: www.letraselvagem.com.br
Tel.: (12) 3635-3769 – Praça Santa Cruz da Exaltação, 21 – Jardim Maria Augusta – Taubaté – SP – 12080-540.



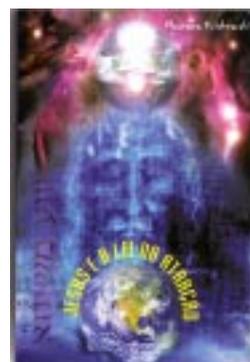
Invenção de Onira, romance de Sant'Ana Pereira, LetraSelvagem, Taubaté, SP, 272 páginas. O autor é escritor, romancista e letrista de música popular. O romance tem como cenário os eventos dramáticos da Revolução Cabana (1835-1841) e expressa o conflito entre a onírica visão de mundo de seus antepassados ameríndios e a racionalidade herdada do colonizador europeu. Mais um romance de qualidade que a LetraSelvagem lança no mercado.

LetraSelvagem: www.letraselvagem.com.br
Praça Santa Cruz da Exaltação, 21 – Taubaté – SP – 12080-540. Tel.: (12) 3635-3769.

Virando Páginas, romance de Suzana da Cunha Lima, Scortecci Editora, 464 páginas, São Paulo, SP, R\$ 35,00. A autora, formada em Serviço Social pela FMU, com especialização em administração de empresas, colaborou na elaboração do Estatuto da Criança e do Adolescente. O primeiro romance da autora trata do amor na maturidade e sua busca através da Internet - temas delicados e ainda carregados de preconceitos. A protagonista, Luciana, que dirige uma creche, após o falecimento do marido, resolve entrar nos *sites* de relacionamentos à procura de outro companheiro.



Onde Comprar: Scortecci Editora
Livraria Asabeça: <http://www.asabeça.com.br/home.php>
Livraria da Lua: <http://www.livrariadalua.com.br/home.php>



Jesus e a Lei da Atração – Uma Nova Visão Cristã sobre o Universo Quântico, de Mautama Krishnarabi, Editora Vista, 222 páginas, R\$ 29,90. O autor é filósofo, músico, escritor, pesquisador e estudante de Terapia Holística. Suas pesquisas tem como principal referência o paradigma consciencial que fundamenta as ciências: Conscienciologia e Projeciologia. O livro traz uma visão que unifica a ciência e a religião sob um novo paradigma, o paradigma consciencial, onde a lei da Atração é explicada de maneira inovadora.

Onde Comprar: Livraria Cultura: <http://www.livrariacultura.com.br/>
Livrarias Curitiba: <http://www.livrariascuritiba.com.br>
Livrarias Saraiva: <http://www.livrariasaraiva.com.br>
Instituto Vista: <http://www.institutovista.com.br>
Site Lei da Atração: <http://www.leidaatraçao.com.br/>

Uma ditadura é uma ditadura

Rodolfo Konder

Houve um tempo em que acreditei em Papai Noel. E também nas promessas de um socialismo ditatorial, que tudo podia e tudo resolvia. Mas os presentes de Natal não chegaram; e o sonho socialista transformou-se num pesadelo insuperável.

Hoje, acredito em valores e direitos universais. Os direitos consagrados na Declaração da ONU, por exemplo, que definem a diferença entre barbárie e civilização. E os valores da democracia, que tanto servem para os chilenos, como para os argelinos, os romenos ou cubanos.

Já não aceito ditaduras para acabar com ditaduras. Nem vejo qualquer diferença relevante entre ditaduras de esquerda e ditaduras de direita. Ao contrário, a prática as torna cada vez mais parecidas. Basta examinar os vestidos e sapatos de Imelda Marcos, mulher do falecido ditador das Filipinas, Ferdinando Marcos, e compará-los com os vestidos e sapatos de Elena Ceausescu, mulher do falecido ditador da Romênia, Nicolau Ceausescu.

À sombra das ditaduras, crescem os mesmos cogumelos venenosos. O ódio à mudança, os privilégios absurdos, a

imoralidade, os julgamentos sem defesa, a pena de morte, as execuções sumárias, as detenções sem processo, a tortura, os “desaparecimentos”, as violações de direitos fundamentais.

Cuba não é diferente. Tem o mesmo governo desde 1959. Não admite partidos de oposição, muito menos a alternância no poder. Tudo em nome “do povo e de razões de Estado”, como acontecia na Romênia de Ceausescu.

Charutos, açúcar, rum, corrupção, censura, drogas – a receita cubana mudou pouco. Menos a alegria, talvez. Na hora em que os ventos da mudança varrerem o “bunker” cubano, certamente veremos expostas as mesmas mazelas que afligiam os romenos, antes da derubada de Ceausescu.

Tudo por conta das “razões de Estado”. Como acontecia na Argentina, no Chile de Pinochet, no Paraguai de Stroessner, nas Filipinas de Marcos, na Alemanha de Honecker, na Nicaraguá de Somoza, no Haiti de Duvalier, na Itália de Mussolini, na União Soviética de Stalin ou na Romênia de Ceausescu. Uma ditadura é uma ditadura. Nada além disso.

Rodolfo Konder é Coordenador da Representação São Paulo da Associação Brasileira de Imprensa.

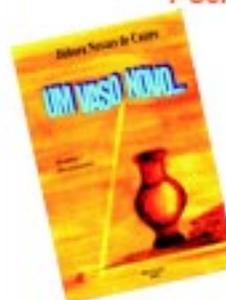
Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - CATAVENTO MOMENTOS - SINFONIA DO INFINITO COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA.

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO.

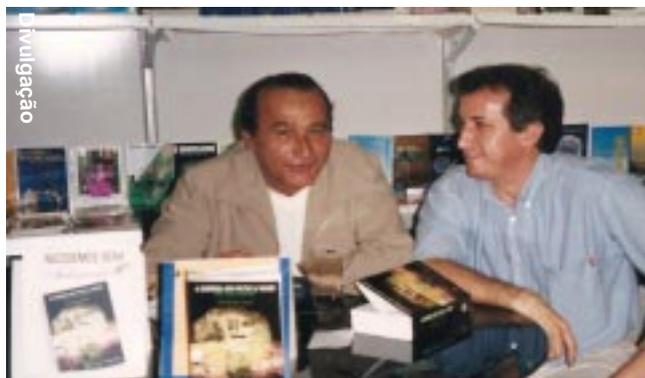
Haicais: SOPRAR DAS AREIAS – ALJÔFARES – SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS –

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...



Opções de compra: via telefax (11) 5031-5463
Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo Cep 04634-040 -
E-mail: debora_nc@uol.com.br e Site: www.vipworkcultural.com.br

Notícias



Sant'Ana Pereira e Nicodemos Senna

Nicodemos Sena, escritor paraense, lançará o romance, *A Mulher, o Homem e o Cão*, pela Editora LetraSelvagem, no dia 20 de maio, às 19 horas, na Casa das Rosas, Av. Paulista, 37, em São Paulo. Na mesma data será lançado o romance *Invenção de Onira* do amazônico **Sant'Ana Pereira**. Os livros inauguram a coleção Gente Pobre, da Editora LetraSelvagem. Os críticos Oscar D'Ambrosio e Dirce Lorimier Fernandes falarão sobre as obras e os autores.

O Selo LetraSelvagem, criado em 2007, já começa premiado. *Anima Animalis – Voz de Bichos Brasileiros*, de Olga Savary, 3º livro da coleção Sentimento do Mundo, foi escolhido como o melhor livro de poesia de 2008, pelo júri da APCA - Associação Paulista de Críticos de Artes.

Dom Fernando Antonio Figueiredo, Bispo de Santo Amaro, tomará posse na Academia Paulista de Letras no dia 27 de maio de 2009, às 19:30 horas, no Teatro Municipal de São Paulo, na Praça Ramos de Azevedo. O novo acadêmico ocupará a cadeira nº. 36, antecedida por Esther de Figueiredo Ferraz, cujo patrono é Euclides da Cunha. Dom Fernando será saudado pelo acadêmico Gabriel Chalita.

A UNESCO nomeou Beirute a Capital Mundial do Livro para o ano de 2009. A Capital libanesa foi escolhida em reconhecimento ao seu engajamento no incentivo à leitura.

O 11º Seminário FNLIJ de Literatura Infantil e Juvenil será realizado nos dias 15, 16 e 17 de junho de 2009, no Rio de Janeiro. O evento é uma atividade paralela ao 11º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens. Informações: E-mail: seminario@fnlij.org.br ou pelo telefone (21) 2262-9130, com Maria Beatriz.

A Academia de Letras de Campos do Jordão, presidida por Maynard Góes, mudou para a Rua Miguel Pereira, 85, Abernêsia, Campos do Jordão - SP - 12460-000. academiadeletras.cjordao@gmail.com

Emanuel Medeiros Vieira, escritor catarinense radicado em Brasília, lançará o romance *Olhos Azuis – a sul do efêmero*, pela Thesaurus Editora/FAC, Brasília, 2009, no dia 28 de maio, quinta-feira, às 12 horas,

em Florianópolis, na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, no hall do Centro de Comunicação e Expressão – CCE. O autor também participará de uma mesa-redonda sobre literatura, às 10 horas, dentro da programação da Semana de Letras, promovida pela Universidade, no CCE B, térreo.

Leitura de Troca, projeto realizado sempre na penúltima sexta-feira de cada mês, que promove uma feira de troca de livros, acontece no SESC Santo André, Rua Tamarutaca, 302. No mês de maio o evento abrigará sarau lítero-musical com a participação de Zhô Bertolini e Jurema Barreto de Souza, editores da revista *A Cigarra*, e dos músicos do Projeto *In Cantaria*, Carmem Sanches e Maria Carolina (voz e percussão), Joel Costa (violão) e Paulo Silva (percussão). Informações pelo telefone: (11) 4469-1200.

A Casa das Rosas - Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura - aderiu ao Projeto BookCrossing e se tornou uma zona oficial de troca de livros. O projeto conta com a realização da Secretaria de Estado da Cultura e da Poiesis – Organização Social de Cultura, que administra a Casa das Rosas, localizada à Av. Paulista, 37, próximo à Estação Brigadeiro do Metrô, em São Paulo. Informações através dos telefones (11) 3285-6986 e 3288-9447 ou no site www.poiesis.org.br/casadasrosas.

O Programa Sur de Apoio a Traduções destinará subsídios à tradução de livros de ficção e não ficção de autores argentinos para publicação por editoras estrangeiras, com valores máximos de US\$ 3.200 por obra aprovada. O programa, de responsabilidade do Sub-comitê de Traduções, que compõe o Comitê Organizador para a participação Argentina na Feira Internacional do Livro de Frankfurt, é ligado ao Ministério das Relações Exteriores, Comércio Internacional e Culto da República Argentina. informações: site www.frankfurt2010.gov.ar

Dra. Ana Cristina Machado Cesar, prefeita da Estância de Campos do Jordão, tomará posse como presidente honorária da Academia de Letras de Campos do Jordão, no dia 30 de maio, às 15 horas, sábado, no Plenário da Câmara Municipal de Campos do Jordão, Rua Inácio Caetano, 490, no bairro de Ablernêsia. Na ocasião, a acadêmica Maria Lúcia López proferirá a palestra *Paulo Dantas Apresenta Poeirama*, com a participação do acadêmico Gabriel Kwak.

Rosely Boschini, presidente da Câmara Brasileira do Livro, no dia 12 de maio, participou da reunião do Colegiado Setorial do Livro e Leitura, que integra o Conselho Nacional de Política Cultural. O Colegiado Setorial do Livro e Leitura, instituído pelo Ministério da Cultura, que é formado por representantes da sociedade civil e do poder público, promoverá o próximo encontro no segundo semestre de 2009.

O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, presidido por Nelly Martins Ferreira Candeias, promove sessão solene de posse dos novos membros, no dia 23 de maio de 2009, às 16 horas, na Rua Benjamin Constant, 158, em São Paulo. Os novos Membros Titulares são André Ramos Tavares, João Grandino Rodas e Luiz Antonio Sampaio Gouveia.

Antonio Miranda apresentou um recital no IV Festival Internacional de Poesia, evento realizado durante a 35ª FERIA Internacional do Livro de Buenos Aires, que aconteceu de 23 de abril a 11 de maio.

A 10ª Jornada de Literatura de Passo Fundo, realizada pela Universidade de Passo Fundo em parceria com a Prefeitura Municipal de Passo Fundo, acontecerá de 24 a 28 de agosto, no Circo da Cultura da UPF, Campus I. Informações: Site www.jornadadeliteratura.upf.br . Telefone (54) 3316-8368.

O Sarau Literário Piracicabano, coordenado por Ana Marly de Oliveira Jacobino, acontece mensalmente na Sala 2 do Teatro Municipal Dr. Losso Netto, Rua Gomes Carneiro, 1212, em Piracicaba, das 19:30 às 21:30 horas. No mês de maio, Lucila M Calheiros Silvestre, diretora da Biblioteca Municipal de Piracicaba, é uma das homenageadas. Serão lidos poemas de Rosani Abou Adal. A programação está disponível no site <http://agendaculturalpiracicabana.blogspot.com>

A Casa de Cultura Mario Quintana lançou o projeto *Vozes Poéticas dos Países de Língua Portuguesa e Ibero-Americanos* e o blog *Farolante*, idealizados e coordenados por Paulo Bacedônio. <http://farolante.wordpress.com>

Evento sobre Direitos Autorais, promovido pelo Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo, que aconteceria no mês de maio, mudou de data e a mesma será divulgada posteriormente.

A Câmara de Comércio França-Brasil lançou no Museu da Casa Brasileira, o livro *A presença francesa no Brasil: de Villegaignon ao século XXI*, em comemoração ao Ano da França no Brasil.

A FLIP de 2009 homenageará o poeta Manuel Bandeira (1886-1968).

O Brasil foi convidado especial da Feira do Livro de Lisboa, que aconteceu de 30 de abril a 17 de maio. O estande brasileiro foi administrado pelo Ministério da Cultura.

O 8º Concurso Brasileiro de Haicai Infanto-juvenil (2009), promovido pelo Grêmio Haicai Ipê, é destinado a alunos do Ensino Fundamental ou Médio, com idade inferior a 15 anos. As inscrições estão abertas até o dia 10 de julho. Os trabalhos devem ser recolhidos e enviados pelas escolas. A comissão julgadora será coordenada por Teruko Oda. Informações através do e-mail concurso@kakinete.com ou no site <http://www.kakinete.com/concurso>

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64

São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589